

História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLET-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i> <i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i> <i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979

David Anderson Zanoni

1 | INTRODUÇÃO

RESUMO: A mudança governamental no Irã abalou as relações internacionais entre Estados Unidos e o antigo império do xá Mohamed Reza Pahlevi. O segundo maior exportador e quarto maior produtor de petróleo do mundo, era uma espécie de protetorado estadunidense desde que a CIA entrou no Irã através da operação Ajax em 1953. Em janeiro de 1979, após oito meses de intensos e violentos protestos populares, o regime pró-ocidente do xá foi derrubado e, em seu lugar, viu-se a emergência de uma República Islâmica, capitaneada pelo aiatolá Khomeini, líder religioso xiita. Os desdobramentos dos referidos eventos são elementos de análise desse artigo, o qual pretende-se, através do jornal argentino Clarín, investigar os eventos reportados pela imprensa platina referentes ao contexto iraniano já mencionado. As teorias das relações internacionais do professor Karl Deutsch servirão como fio condutor e referencial teórico para respaldar nossa proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Estados Unidos. Irã. Relações Internacionais. Revolução Iraniana;

Muito do que desejamos saber acerca das relações internacionais pode ser englobado em doze questões fundamentais. De uma forma ou de outra, essas questões têm sido colocadas, ao longo de muitos séculos, por cientistas políticos, líderes políticos e cidadãos comuns. Para a maioria delas há algumas respostas tradicionais – em geral variadas. Mas, como ocorre, em quase todas as áreas do conhecimento, essas respostas devem ser analisadas com cautela. Muito mais difícil é obter respostas mais precisas a tais questões, e muito mais árduo ainda é obter a respeito delas uma pequena dose de conhecimento que possa ser testada, reproduzida e contestada – ou até rejeitada – de modo que esse conhecimento possa, de alguma forma, ser considerado científico. Mas, temos que procurar obter esse conhecimento e nossas doze questões fundamentais possivelmente nos ajudarão a fazer com que essa busca se relacione com o que queremos e precisamos saber.¹

Assim como afirmou Deutsch, as doze questões fundamentais podem nos ajudar a buscar o que queremos saber acerca das relações internacionais. Através de uma série de problematizações, em forma de perguntas objetivas o autor discute várias inquietações presentes nas interações ora harmoniosas, ora conflituosas entre nações. O período proposto neste estudo demonstra um momento de significativa instabilidade das relações

1 DEUTSCH, Karl Wolfgang. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p. 14.

bilaterais entre os Estados Unidos e o Irã ao findar da década de 1970.

Ao findar da década de 1970, o Irã, até então governado pelo xá Mohamed Reza Pahlevi desde 1941, através de um regime governamental autocrático, foi destronado pela movimentação popular que clamava a saída do ditador e a proclamação de uma República baseada nos preceitos do Alcorão. Desde agosto de 1978, uma série de manifestações colocou em confronto as forças armadas legalistas ao regime do xá e comerciantes, funcionários públicos, partido comunista, e um grande número de operários das petrolíferas de capital estrangeiro presentes no Irã. O resultado de aproximadamente oito meses de conflitos foi a dissolução do governo monárquico e a ascensão do regime dos religiosos xiitas, liderada por Ruhollah Khomeini. O aiatolá estava exilado desde 1964, quando foi expulso do país por não concordar com a política dita ocidentalizante do xá e considerada, pelos religiosos iranianos xiitas, como deturpadora dos preceitos da fé islâmica.

Neste caso, queremos entender como as relações internacionais entre EUA e Irã se processaram, e quais as consequências a partir de ideias e decisões políticas entre essas nações. Ainda conforme este autor, essas questões são ditas, tanto por especialistas em assuntos de relações internacionais ou cientistas sociais, que aqui denominamos de “vozes autorizadas”, quanto por meros mortais, a chamada opinião pública. Com relação aos “homens comuns” temos um veículo de propagação de informações e formação de ideias chamada imprensa. Um instrumento poderoso de construção de opinião e produção de sentidos múltiplos.

Analisando cada uma das doze questões, tentaremos entender como as relações internacionais ditam as regras políticas, sociais, econômicas e culturais entre países. Cada qual com interesses particulares, as nações disputam territórios, mercados e espaços no mundo. As armas utilizadas para alcançar determinados objetivos nem sempre são bélicas, podem também ser diplomáticas ou através de serviços secretos.

Passaremos agora a analisar cada uma das doze questões fundamentais na análise das relações internacionais propostas por Karl Deutsch.

2 | NAÇÃO E MUNDO

Quais as relações entre uma nação e o mundo que a cerca? Essa é a primeira indagação realizada na obra de Deutsch concernente as relações internacionais. Pois bem, se tratando de nação, o Irã passou nas últimas quatro décadas, que antecederam a mudança regimental, ou seja, 1979, buscando uma identidade nacional. Uma vez que o país caminhava a passos largos para a tão desejada “modernidade ocidental”, quista pelo xá e seus seguidores. Isso seria, em 1978, o estopim para as revoltas populares e, mais tarde, em janeiro de 1979, um dos principais elementos para a queda do seu governo autocrático. A nação iraniana, não mais era o império persa de Dario I ou Ciro, mas sim uma república islâmica aclamada pelas massas iranianas.

Para o mundo, contudo, o Irã era um barril de pólvora, prestes a explodir, sobretudo por estar nas mãos dos turbantes, como diziam os jornais e revistas no Brasil. Fanáticos religiosos e terroristas tresloucados. Obviamente, bebendo da fonte das agências de notícias estadunidenses, francesas, italianas e inglesas, o Irã era visto como um novo inimigo em potencial do mundo moderno e progressivo. Antes, governado pelo xá, uma marionete dos Estados Unidos, o Irã era um Oasis no crescente fértil, agora, após a revolução iraniana, um elemento perigoso e desejoso de vingança contra o “grande satã” e seus aliados no ocidente infiel.

3 | PROCESSOS TRANSNACIONAIS E INTERDEPENDÊNCIA INTERNACIONAL

Até que ponto podem os governos e povos de qualquer Estado-nação decidir sobre o seu próprio futuro e até que ponto o resultado de suas ações depende das condições e acontecimentos verificados fora de suas fronteiras?²

Se tratando do contexto iraniano, que estamos cotejando com esse estudo, temos algumas possíveis respostas para essa segunda provocação. O Irã vivia uma mudança abrupta de regime governamental, o que não agradava em nada o governo de Washington. A decisão, portanto, dos iranianos, não beneficiava os Estados Unidos, levando em consideração que os aiatolás julgavam a manutenção e permanência dos, aproximadamente, quarenta anos de monarquia de Mohamed Reza Pahlevi e sua implacável perseguição aos opositores do regime, fruto do patrocínio yanke.

Assim, os iranianos decidiram seu próprio futuro, contudo, os resultados dessa decisão trouxeram as represálias estadunidenses como consequência. Já os Estados Unidos foram afetados, em duas áreas: econômica ou de abastecimento (embargo no fornecimento de petróleo) e geopolítico (perda do ponto de observação privilegiado da União Soviética), este último aspecto em um momento crucial da findada Guerra Fria.

Portanto, temos as duas situações acima questionadas: a decisão de um povo ou nação de seu futuro e o resultado dessas escolhas. Além disso, é possível verificar a questão das condições e acontecimentos verificados fora de seus limites (político administrativos), que é o contexto tanto entre Estados Unidos e União Soviética, quanto o contexto Ocidente *versus* Oriente com a perda da hegemonia estadunidense no que se refere a uma área vital para a geopolítica dos Estados Unidos.

4 | GUERRA E PAZ

Quais os fatores determinantes da guerra e da paz entre as nações? Quando, como e por que as guerras começam, prosseguem e acabam? Como ocorreriam tais processos no passado, como ocorrem hoje e como, provavelmente, ocorrerão no

2 DEUTSCH, Karl Wolfgang. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p. 17.

futuro? Até que ponto e que tipos de luta os povos tendem a apoiar? Quando, com que finalidade e em que condições?³

Os fatores são diversos. Dentre os quais merecem destaque: a fronteira que o Irã possuía com a então União Soviética, cerca de 2500 km de linha limítrofe. Um belo ponto de observação para o governo de Washington monitorar os soviéticos. O petróleo iraniano, o qual abastecia os Estados Unidos. A compra de armas do Irã da indústria bélica estadunidense. Estes parecem ser os fatores mais incisivos.

No caso iraniano, as questões ligadas ao ocidentalismo, ou seja, a abertura que o xá proporcionou aos Estados Unidos com a pretensão de modernizar o país, feria o âmago dos religiosos xiitas. Uma afronta aos preceitos da fé islâmica, aos aspectos citados no alcorão. Com a sua chamada “revolução branca” Mohamed Reza Pahlevi queria repetir o feito de Atamau Ataturk, monarca turco que tornou seu país tão ocidental quanto Paris ou Nova Iorque.

Além da questão religiosa, se tratando de Oriente Médio de extrema relevância cultural, a questão social é importante aqui destacar. Em meio a um projeto de progresso econômico e de infraestrutura, uma significativa parte da população iraniana vivia em situação de miserabilidade, com falta de comida, saúde, segurança, educação e saneamento básico. Os palacetes da elite iraniana e dos técnicos europeus e estadunidenses contrastavam com os casebres feitos, basicamente, com barris de petróleo sobrados das petrolíferas, mas que serviam para abrigar várias famílias iranianas.

Assim, temos uma série de elementos que explicam as tensões geradas entre as nações que estamos analisando neste estudo. A guerra viria com a revolução iraniana, primeiramente uma, pode-se dizer, guerra civil. Depois a guerra entre Irã e Iraque (1980-1988), não travada diretamente pelos Estados Unidos, mas com seu apoio ao governo do então presidente iraquiano e futuro desafeto estadunidense Saddam Hussein.

5 | FORÇA E FRAGILIDADE

Qual a natureza da força ou da fragilidade de um governo ou de uma nação no que concerne à política internacional? Quais as fontes e as condições de tal força? Quais são seus limites? Quando, como e por que o poder se transforma?⁴

Se tratado dos Estados Unidos, quanto à força, temos o poderio militar, inquestionável. Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tomariam o lugar de França e Inglaterra - ambas destroçadas no conflito mundial - não apenas na Europa, mas, principalmente, no Oriente Médio. Porém, nem toda a força bélica,

3 DEUTSCH, Karl Wolfgang. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p. 18.

4 DEUTSCH, Karl Wolfgang. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, 18-19.

muito menos a tão perspicaz inteligência da CIA, foram capazes de conter o ímpeto popular dos iranianos e, conseqüentemente, a queda do xá, portanto uma fragilidade estadunidense neste caso.

Quanto ao Irã, a religiosidade islâmica, combinada com a insatisfação ao governo autocrático e excludente de Mohamed Reza Pahlevi, se transformaria na força que derrubaria o governo dinástico dos Pahlevi. A ocidentalização também foi um combustível para inflamar os ânimos e fomentar a insurgência dos iranianos no contexto revolucionário. Contudo, após enfrentar o “grande satã”, seria preciso reestruturar o país e, concomitante a isso, conter os aliados ocidentais que o cercavam: Israel e Iraque, principalmente.

6 | POLÍTICA INTERNACIONAL E SOCIEDADE INTERNACIONAL

O que não é político na área das relações internacionais? Qual a relação entre a política internacional e a vida da sociedade das nações?⁵

Tudo é político se tratando de relações internacionais, isso é inegável. Porém, a segunda pergunta é mais complexa. Levando em consideração que uma das possibilidades, não a única, de a política internacional ocorrer quando os Estados nacionais estabelecem suas chancelarias em solo estrangeiro, passando a ser território local aquele espaço com edificações e serviços diplomáticos. A embaixada dos Estados Unidos em Teerã era território estadunidense em solo iraniano. Em novembro de 1979, estudantes iranianos tomaram a embaixada fazendo cerca de cem pessoas reféns. Iniciava-se um novo episódio da história das relações bilaterais entre Irã e Estados Unidos, a chamada “crise dos reféns”.

A partir desse episódio, os países romperiam oficialmente as relações diplomáticas e passavam a declarar hostilidades abertamente. Em um primeiro momento, o governo dos aiatolás no Irã não assumiram as ações, alegando que os estudantes agiram por vontade própria. Contudo, o governo de Khomeini nada fez para dissuadir os estudantes do propósito que os movia, a deportação do xá Mohamed Reza Pahlevi, exilado em Nova Iorque.

O xá descobriu um câncer no sistema linfático, e buscou tratamento nos Estados Unidos. O governo estadunidense não aceitou deportá-lo por dois motivos: primeiro, segundo Jimmy Carter, os Estados Unidos não negociava com terroristas; segundo, como alegou a Casa Branca, “era uma causa humanitária”, o xá estava tratando de uma doença grave e não teria condições de viajar naquele momento.

A população iraniana não aceitava nenhuma das alegações oriundas do governo de Washington, pois queriam sentenciar o xá segundo as leis da *Sharia*⁶, ou seja,

5 DEUTSCH, Karl Wolfgang. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p.19.

6 **Sharia** é um termo árabe que significa “caminho”, mas, que historicamente, dentro da religião islâmica, tem sido continuamente empregado para se referir ao conjunto de leis da fé, compreendida

segundo as tradições do Alcorão. Além disso, reivindicavam significativos montantes em ouro e dinheiro, ambos depositados em bancos estadunidenses, valores esses que, segundo os iranianos, pertenciam ao povo e foram usurpados ao longo dos anos de monarquia do xá.

7 | POPULAÇÃO MUNDIAL *VERSUS* ALIMENTOS, RECURSOS E MEIO AMBIENTE

Estaria a população mundial crescendo mais rapidamente do que a produção de alimentos, de energia e outros recursos, ou então, mais rapidamente do que a própria capacidade demográfica de nosso meio ambiente, no que diz respeito a índices toleráveis de qualidade do ar, da água e do nível de poluição do espaço em que se vive? Poderiam as falhas nessa área representar uma ameaça para a “segurança nacional” semelhante ou pior em comparação com aquela causada por uma mudança no potencial militar ou poder político dos países vizinhos? Em qualquer dos casos, quais seriam suas consequências para a política mundial – inclusive para a guerra e para a paz – e o que poderá fazer, caso se possa fazer alguma coisa?

Se tratando de recursos, a política estadunidense para o Irã era muito determinada. A aquisição de petróleo por parte do governo estadunidense representava cerca de 20% do abastecimento do país. Para o governo de Mohamed Reza Pahlevi era a indústria bélica e os técnicos americanos para operar os caças, porta-aviões, defesas antiaéreas, entre outros utensílios, que interessava ao xá e seus grupos de extermínio. Interesses singulares e objetivos comuns: ambos queriam a manutenção do poder.

Em 1977, a Organização das Nações Unidas registrou que o Irã era um dos países do mundo que mais infringia ou desrespeitava os direitos humanos. A Savak, temida polícia política do xá, eliminava os opositores do regime.

Os petrodólares iranianos serviam para a aquisição de armas e material de defesa. Em 1978 o Irã era o exército mais bem equipado e treinado do Oriente Médio. O objetivo do xá era claro, tornar o Irã a maior potência econômica e militar do Golfo Pérsico. Enquanto isso, a população iraniana, como já foi mencionada neste estudo, passava fome, sofrendo com a falta de recursos e serviços essenciais básicos.

8 | PROSPERIDADE E POBREZA

Até que ponto chega à desigualdade no que se refere à distribuição da riqueza e da renda entre as nações do mundo? Até que ponto há desigualdades com relação a outros valores vinculados aos anteriores, tais como expectativa de vida ou educação? As diferenças econômicas entre as nações são maiores ou menores do que as diferenças econômicas nelas existentes, como por exemplo, entre grupos étnicos ou raciais, ou entre regiões ou classes? Algumas dessas desigualdades estão aumentando ou diminuindo? Com que rapidez e em que extensão? O que é que determina a natureza dessa distribuição e a amplitude e o sentido de tais

pelo Alcorão, a Suna (obra que narra a vida do profeta Maomé), além de sistemas de direito árabe mais antigos, tradições paralelas, e trabalho de estudiosos muçulmanos ao longo dos primeiros séculos do Islã.

mudanças? O que é que pode ser feito para que deliberadamente se provoquem tais mudanças? Em que grau e com que rapidez?⁷

Durante os governos de Reza Kahn Pahlevi e Mohamed Reza Pahlevi, respectivamente pai e filho, governos que juntos duraram mais de meio século (1925-1979), a população iraniana era relegada ao trabalho exploratório nas petrolíferas de capital ocidental (inglesas, francesas e, posteriormente, estadunidenses). Os imperialismos que subjulgaram os povos neocolonizados, com as partilhas da África e da Ásia no fim do século XIX e início do XX, por França, Inglaterra e outros impérios centrais, e após a Grande Guerra, foram gradativamente sendo ocupados pelos Estados Unidos, tinham suas populações mantidas de forma degradante e em péssimas condições de subsistência.

No Irã, enquanto os britânicos enriqueciam, o país permanecia cada vez mais desigual socialmente. Na refinaria de Abadan, o salário era de 50 centavos por dia, sem direito a férias remuneradas, licença por doença ou indenização por invalidez. As condições de vida eram extremamente insalubres, não havia água encanada nem eletricidade. No inverno as chuvas causavam alagamentos e moscas invadiam os vilarejos. No verão, o teto dos barracos, feitos de barris de petróleo enferrujados, sufocava os moradores, enquanto os administradores da Anglo-Iranian viviam em enormes casas com ar-condicionado, piscinas e belos jardins.⁸

Essas questões colonialistas ou imperiais, foram mantidas pelos Estados Unidos no governo do xá filho, a partir de 1941. Assim, os iranianos tinham razões de sobra para a insurgência que viria a ocorrer a partir de 1978. Essa é a primeira questão levantada neste tópico. Enquanto isso, em território estadunidense, será que famílias americanas tinha noção do que ocorria em Teerã? Provavelmente não.

Na primeira tentativa de nacionalização do petróleo, proposta pelo então primeiro-ministro iraniano Mohamed Mossadegh, em 1951, o governo de Washington tratou de executar uma manobra que culminaria com a expulsão do *Premier* iraniano e a emergência do xá de forma mais autocrática do que nunca.

A Operação Ajax, codinome do golpe organizado pela Cia contra Mossadegh, foi um grande trauma para o Irã, o Oriente Médio e todo o mundo colonial. Era a primeira vez que os Estados Unidos derrubavam um governo estrangeiro. Foi no Irã, em 1953, que o governo norte-americano estabeleceu seu modelo de conduta para os anos vindouros e imprimiu na mente de milhões de pessoas do mundo inteiro a imagem dos Estados Unidos.⁹

Mas porque Mohamed Mossadeh era tão mal visto pelos britânicos e pelos estadunidenses e ovacionado pelos iranianos? A resposta é: porque queria nacionalizar o petróleo.

Desde os primeiros anos do século XX, uma empresa britânica cujo principal

7 DEUTSCH, Karl Wolfgang. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p. 20-21.

8 COGIOLLA, Osvaldo. A revolução iraniana. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 38.

9 KINZER, Stephen. Todos os homens do xá: o golpe norte-americano no Irã e as raízes do terror no Oriente Médio, tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2004, p.12.

proprietário era o próprio governo de Sua Majestade usufruía o monopólio fantásticamente lucrativo da produção e comercialização do petróleo do Irã. Enquanto a maioria dos iranianos vivia na pobreza, a riqueza que fluía do subsolo do país jogava um papel decisivo na manutenção da Grã-Bretanha no pináculo do poder mundial. Esta injustiça era motivo de profundo rancor por parte dos iranianos. Até que finalmente, em 1951, eles apelaram para Mossadegh, que, mais do que qualquer outro líder político, personificava o ódio de toda a nação contra a Anglo-Iranian Oil Company (AIOC). Mossadegh prometeu expulsar a Anglo-Iranian do Irã, reaver as vastas reservas de petróleo do país e libertar o Irã da submissão ao poder estrangeiro.¹⁰

Portanto, em um tom maquiavélico, não importavam os meios, os fins justificavam tais atos, nem que para isso fosse preciso sacrificar inúmeras famílias iranianas, com a justificativa de que estas não tinham capacidade de decidir pelos seus destinos. E tudo isso, em nome do desenvolvimento, da tecnologia e das luzes do ocidente liberal, cristão, moderno e progressista, a leitura ideal de mundo.

9 | LIBERDADE E OPRESSÃO

Que importância dão as pessoas à independência de outros povos e até que ponto se importam com liberdade de seu próprio país ou nação? E, caso se importem, o que é que provavelmente fariam? Quando e em que condições? O que é que as pessoas entendem por “liberdade” – um variado leque de alternativas, envolvendo tolerância para com as minorias e para com o inconformismo individual, ou a submissão das massas a um governo de maioria, à tradição a algum líder digno de confiança, a alguma tirania hereditária familiar? Até que ponto entendem a liberdade como um valor em si mesmo e até que ponto julgam um meio para a realização de valores outros que lhes são mais caros? Que condições influenciam esses conceitos e essas escolhas? Com que rapidez e até que ponto? Qual a amplitude das diferenças entre o tipo e o grau de liberdade que os povos desejam em diferentes países ou em diferentes grupos de uma mesma nação? Qual a amplitude das diferenças, em espécie e grau, no que diz respeito à liberdade que desfrutam? Até onde e com que rapidez essas distribuições se alteram? Quando e em que condições?¹¹

Até a queda do xá Mohamed Reza Pahlevi em 16 de janeiro de 1979, muitos estadunidenses não tinham noção do que ocorria no Irã. As perseguições, torturas, eliminação de adversários políticos ou qualquer opositor ao regime, era ocultado para a grande imprensa ocidental. Todo esse sistema, que em grande medida satisfazia o governo de Washington, não era visualizado pelo mundo, tanto que, em um relatório da CIA em 1977, o Irã era um dos países com menor propensão de mudanças abruptas no sistema político ou de poder administrativo. O relatório se mostraria extremamente falho menos de dois anos depois.

Nos Estados Unidos, o violento antiamericanismo que surgiu no Irã depois de

10 KINZER, Stephen. Todos os homens do xá: o golpe norte-americano no Irã e as raízes do terror no Oriente Médio, tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2004, p.18.

11 DEUTSCH, Karl Wolfgang. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p.21.

1979 surpreendeu a maioria das pessoas. Os americanos não faziam ideia do que poderia ter gerado o ódio tão visceral de uma nação onde eles sempre haviam imaginado ser mais ou menos benquistos. Mas isto era porque quase ninguém nos Estados Unidos sabia o que a CIA fez por lá em 1953.¹²

A partir da queda da autocracia dinástica do xá, os cidadãos estadunidenses, assim como o mundo, passou a conhecer o Irã. Contudo, um Irã marcado pela desordem social, pelo caos, pela completa horda de ataques e vandalismo. A ordem que pairava no regime monárquico teria dado lugar ao total distúrbio administrativo dos religiosos xiitas. Isso era o que estava sendo noticiado por inúmeras agências de notícias na Europa e Américas. O que produzia um claro sentido de que com a monarquia a ordem estava estabelecida, com os aiatolás a pretensa organização teria se perdido.

Un alegre caos, que convirtió a las calles de Teherán en el escenario de un “carnaval”, se produjo en el instante en que la radio oficial de la ciudad anunciaba que el cha, finalmente, había partido. Pilotando personalmente un avión militar, el emperador de Irán abandonó el país tras sangrientos enfrentamientos que han costado miles de muertos. Cinco aviones Jumbo lo siguieron, transportando los enseres de la familia real y – se dice – algunos otros de lujo.¹³

A reportagem acima foi capa da edição do dia 17 de janeiro de 1979. É possível observar que o discurso da conta de um país em caos e desordem, um verdadeiro “carnaval” segundo os redatores do periódico. Esta capa era ilustrada com a imagem de uma estátua do xá montando um cavalo e empunhando uma espada, sendo derrubada por manifestantes, reforçando o estado de revolta e insatisfação com o governo de Mohamed Pahlevi.

Washington, 16 (AP, EFE y UPI) – La Casa Blanca guardaba hoy un prudente y a la vez misterioso silencio sobre la posible llegada del cha de Irán a Estados Unidos, al tiempo que una cascada de hipótesis caía desde los diarios, las radios y las estaciones de televisión sobre los posibles puntos de residencia del alicaído emperador en el país. El Departamento de Estado señaló hoy que el cha “sería bienvenido a Estados Unidos en sus proyectadas vacaciones”, y que el gobierno del presidente Carter “reconocía al emperador como al genuino monarca de Irán”. Sin embargo, ningún vocero de la Casa Blanca admitió la “residencia del cha en algún punto del país”. Pero, reafirmando la hipótesis generalizada que Reza Pahlevi “descansará” por un periodo prolongado en Estados Unidos, o quizá para siempre, los diarios aseguran que ex hombre fuerte de Irán conseguirá de las autoridades de Washington un dorado exilio permanente. Toda la prensa, y en especial el “Washington Post”, reclama que Estados Unidos procure “dejar la menor cantidad de huellas posibles en Irán, si es que no desea recibir “noticias peores”.¹⁴

O que seria do Ocidente a partir de então? Essa era a pergunta da maioria dos jornais e canais midiáticos do mundo. O petróleo, principalmente, era o mais

12 KINZER, Stephen. Todos os homens do xá: o golpe norte-americano no Irã e as raízes do terror no Oriente Médio, tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2004, p.12.

13 Jornal Clarin, Ed. 11.812 de 17 de janeiro de 1979, capa.

14 Jornal Clarin, Ed. 11.812 de 17 de janeiro de 1979, p. 29.

preocupante. O abastecimento desse recurso estaria comprometido, isso, mesmo sem um anúncio oficial por parte do governo de Khomeini. Mas os países ligados aos Estados Unidos sabiam que sua aliança com o tio Sam, não seria bem vista pelo governo de Teerã.

E então chegamos à primeira pergunta: que importância dão as pessoas à independência de outros povos e até que ponto se importam com a liberdade do seu próprio país ou nação? Parece que para o povo estadunidense, e em grande medida, para o Ocidente, essa pergunta teve uma mudança significativa na resposta a partir dos eventos ocorridos no Irã a partir de 1979. Ou será que os estadunidenses sabiam as condições em que viviam os trabalhadores da extração de petróleo iranianos? Ou será que sabiam que 45 mil técnicos militares ensinavam o exército iraniano a matar com mais eficiência, utilizando os recursos bélicos produzidos e comercializados pelo governo dos Estados Unidos?

O que dizer do conceito de liberdade? Conceito que é tão caro no Ocidente, por nos acharmos livres, modernos, desenvolvidos. Liberdade de ir e vir, de comprar, de consumir, de vender e lucrar. Liberdade de culto religioso e de ser o que quiser, quando quiser. Em contradição com o Oriente, sobretudo o Oriente Médio, escravizado pelo fanatismo religioso, oprimido pelas leis ligadas aos preceitos da fé islâmica. Seria isso tudo mesmo? Ou criou-se essa representação para tornar-se uma leitura de mundo ideal, essa ocidental, segura, ordeira e progressiva? Quem sabe para encobrir, acobertar ou ocultar manobras políticas em um panorama de “está tudo bem”? E no futuro, tais confabulações ou articulações políticas e militares são anunciadas com um caráter de necessidade, legitimadas pelo bem comum, para defender os valores da coletividade, da soberania e da segurança nacional, contra os inimigos externos.

10 | PERCEPÇÃO E ILUSÃO

Que percepção têm os líderes e demais cidadãos quanto às suas próprias nações e de que forma consideram outras nações e seus atos? Até que ponto tais percepções são realistas ou ilusórias? Quando, em que sentido e em que condições? Em que condições governos e eleitores se mostram conscientes e a respeito de que assuntos se mostram alienados? Até que ponto os governos nacionais agem como fonte de decepção, de mitos ou de desilusão das massas? Que efeito produz tudo isso na capacidade que teriam os governos e Estados-nações de controlar seu próprio comportamento e de prever as consequências de seus atos? Qual a “média de erro” dos estadistas? Com que frequência tomam decisões importantes sobre a guerra ou sobre a paz com base em erros graves de percepção dos fatos? Poder-se-ia fazer alguma coisa, para que tais equívocos passassem a ser mais raros e as avaliações mais realistas?¹⁵

Em 4 de novembro de 1979, cerca de onze meses após a queda do xá, o Irã estava se reorganizando político e administrativamente. Com um governo teocrático, guiado pelos preceitos da fé islâmica e pelo seu livro sagrado, o Alcorão, a República

15 DEUTSCH, KARL WOLFGANG. Análise das relações internacionais, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p.21.

Islâmica ainda era uma incógnita para o laico ocidente. Neste ar de incertezas, iniciaria uma crise que durariam exatos 444 dias, a crise dos reféns do Irã.

Esse fato é um exemplo ou pano de fundo para discutirmos as questões acima colocadas. Na referida data, estudantes iranianos tomaram a embaixada dos Estados Unidos na capital iraniana, fazendo inicialmente 90 reféns, entre funcionários da embaixada e pessoas que estavam no prédio naquele momento. Após dias de protestos e concentração em frente ao prédio da diplomacia estadunidense em Teerã, os jovens iranianos invadiram o prédio e renderam os poucos seguranças e fuzileiros navais norte-americanos que faziam a guarda do local.

A principal reivindicação dos iranianos era a extradição do xá Mohamed Reza Pahlevi, exilado em Nova Iorque, para ser julgado pelas leis da nova república. Além disso, os iranianos queriam o repatriamento de valores depositados pelo xá em bancos estadunidenses ao longo do seu governo, dinheiro que, segundo os iranianos era do povo do Irã.

Levando em consideração a deturpada forma com que as informações chegavam ao ocidente, oriundas das agencias internacionais de notícias, não seria diferente as informações acerca dos eventos ocorridos a partir de 4 de novembro de 1979.

A população estadunidense cobrava ações imediatas do presidente Jammy Carter. Este, um democrata ponderado, não queria usar o recurso das armas, uma vez que foi inclusive advertido pelos sequestradores da embaixada: justificariam os reféns em qualquer tentativa militar de resgate. O recado foi claro e Carter não queria pagar para ver. Contudo, as eleições de 1980 se aproximavam e o adversário político de Carter já usava o incidente para pressionar o presidente a tomar alguma atitude.

Foi assim que em abril de 1980, o pentágono iniciou uma operação chamada “*Blue Light*”, a qual consistia no envio de três helicópteros *Tiger*, equipados com os melhores recursos militares da época, tripulados por soldados treinados para ações táticas de risco, no intuito de resgatar os 52 reféns americanos que permaneciam sob o controle dos iranianos. A ação terminaria em um dos maiores vexames militares da história, além de uma tragédia. Dois dos helicópteros, após uma tempestade no deserto do Kwait, colidiram. Oito soldados morreram no acidente e, assim, revelava-se o plano secreto de resgate dos reféns.

11 | ATIVIDADE E APATIA

Que parcelas e que grupos da população demonstram interesse ativo pela política? Que parcelas e que grupos demonstram interesse por assuntos internacionais? Que condições propiciam a ampliação ou a redução desse número de participantes ativos? Com que rapidez e sob que aspectos? Que estrato da população deve ser considerado importante para a política em determinado lugar e época? Que condições seriam mais propícias a uma alteração na magnitude desse estrato politicamente relevante? Que efeitos podem exercer dessas mudanças na totalidade dessa participação política real e potencial sobre os processos políticos e sobre seus resultados? Especificamente, que efeitos podem exercer essas transformações no grau de participação em massa na política sobre o comportamento e sobre

os desfechos das questões internacionais? Que tipos de política e de questões internacionais pode existir entre populações em grande parte limitadas a uma economia de subsistência e apáticas em relação à política no sentido mais amplo? E que tipo de política nacional ou internacional pode desenvolver-se com a intensificação do uso do dinheiro e dos meios de comunicação de massa, da alfabetização, da mobilidade social e da participação política?

No Irã, grande parte da população demonstrou interesse pela política. Os milhares de iranianos de vários segmentos sociais: operários, intelectuais, membros do partido comunista, religiosos, funcionários públicos, comerciantes, etc., protestaram contra o regime do xá. Uma explicação para esse interesse pode ser a questão religiosa. Para a maioria dos países do Oriente Médio, religião e política caminham juntas. No ocidente, ao contrário, esse aspecto é relacionado com um fanatismo religioso e que, unido à política torna-se um ingrediente chave para o terrorismo de Estado. A ideia laica de política ocidental contrasta, portanto, com o caráter religioso islâmico.

Outro aspecto comum no ocidente são as pessoas falarem que não gostam de política, que não discutem política, que não se interessam por tal assunto. Enganam-se constantemente porque debater qualquer assunto já é ser político, se buscarmos a etimologia do termo da Grécia Clássica.

Quando os estadunidenses se depararam com a crise dos reféns, as multidões americanas saíram às ruas para protestar contra o Irã e para pedir soluções imediatas de Jimmy Carter. Os senadores republicanos esbravejavam: mandem os fuzileiros navais (*Marines*) para uma missão de resgate e de aniquilação dos novos governantes do Irã. Mas precisou um evento dessas proporções para uma inteiração mais significativa da população norte-americana para o interesse político ser mais representativo. Além disso, aproximava-se naquele momento a disputa eleitoral e a corrida pela Casa Branca. As ações a partir de então recairiam para os candidatos como elementos pró e contra no pleito de 1980. Jimmy Carter estava cada vez mais pressionado pelos republicanos e pelo seu adversário Ronald Reagan.

12 | REVOLUÇÃO E ESTABILIDADE

Que condições favorecem a derrubada de governos? Quando, em que condições e até que ponto podem as elites dirigentes ou as classes privilegiadas vir a perder total ou parcialmente seu poder ou sua posição? Que transformações permanentes ou irreversíveis, caso ocorram, são produzidas por meio de revoluções? Quando e como os sistemas jurídico, econômico e social ou mesmo o conjunto dos principais padrões culturais são total ou parcialmente descartados e, em última instância, substituídos por outros sistemas e padrões? Com que rapidez ocorrem esses grandes processos de transformação e a que preço em termos de prejuízos materiais e de sofrimento humano? Que grupos da população arcam com esse custo? Por muito ou por pouco tempo? Que benefícios – se é que há algum – resultam dessas mudanças e a quem elas afetam a curto e a longo prazo? Quanto tempo é necessário para que se instaure a estabilidade política e social após um período revolucionário? Como, com que resultados e as expensas de quem? E quais os efeitos de tais processos revolucionários ou contra-revolucionários e de uma eventual estabilização de uma antiga ou nova ordem política ou social na evolução das questões internacionais? Em resumo, de que modo as revoluções

internas afetam as questões internacionais e como as influências estrangeiras e os eventos internacionais podem afetar a estabilidade ou a sublevação revolucionária de regimes internos e sistemas políticos de determinados países? Que podem fazer os governos, os líderes e o eleitorado se é que podem fazer alguma coisa? Até que ponto são influenciados ou controlados por um tipo de ação deliberada? Quando, a que custo e em que sentido?

Neste tópico voltamos a algumas situações já mencionadas neste artigo. Primeiramente temos a questão das condições para a derrubada de um governo. No Irã o governo do xá teve duas principais motivações: 1) A insatisfação popular com a política ditatorial e excludente de Mohamed Reza Pahlevi. 2) O processo de ocidentalização, ou modernização aos moldes ocidentais, o que afrontava, principalmente, os religiosos xiitas – não por acaso a proclamação de uma República Islâmica como mudança regimental – através da chamada “revolução branca” (construção de bares, restaurantes, *shopping centers*, cinemas, etc., reforma agrária, reforma bancária, reforma universitária, entre outros aspectos).

Outro elemento que merece ser destacado refere-se à política-administrativa de Mohamed Reza Pahlevi. Autocrata, detentor de plenos poderes, seu governo era além de tirano, extremamente corrupto usurpando os recursos públicos. Assim como afirma Coggiola (2008).

A revolução iraniana desdobrou-se rapidamente, adquirindo conteúdo de classe. O funcionalismo público e os bancários tiveram papel fundamental na exposição da corrupção do regime. Escriturários dos bancos abriram os livros para revelar que nos últimos três meses de 1978, um bilhão de libras tinham sido retiradas do país por 178 membros da elite, assim como o xá, que havia transferido quantia similar para os Estados Unidos. [...] A autocracia e seus esbirros, incluía a polícia política, saques ao Tesouro Nacional, e isso veio a público. As massas furiosas, responderam queimando mais de quatrocentos bancos.¹⁶

Neste ponto já respondemos, de certa forma, a segunda questão sobre as elites. Quanto mais eram verificadas e acentuadas as diferenças sociais e ficavam mais visíveis os privilégios para alguns, em detrimento de uma grande maioria, mais crescia o sentimento de revolta da população marginalizada.

Quanto às transformações, verificou-se uma reestruturação política, social e cultural do Irã, principalmente na primeira década do novo regime. Mudanças que permanecem até hoje, sobretudo na política com a nova ordem estabelecida pelo processo revolucionário, porém com certa abertura em aspectos sociais e culturais.

12 | IDENTIDADE E TRANSFORMAÇÃO

Em meio a todas essas transformações, como é que indivíduos, grupos, povos e nações podem preservar sua identidade? Em que consiste essa identidade no que diz respeito quaisquer elementos ou aspectos de sua estrutura interna, e que diferença ela provoca no comportamento desses elementos ou aspectos? Até que ponto a identidade de alguém representa uma necessidade real para pessoas e

16 COGIOLLA, Osvaldo. A revolução iraniana. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 71.

grupos e o que acontecerá se tal necessidade não for atendida? Até que ponto essa identidade é um valor em si mesma e em que medida representa uma condição ou um instrumento para a concretização de outros valores? Como se adquire um sentimento de identidade – e a realidade da identidade (ou seja, o significado permanente, para alguém, das suas próprias memórias) – e como se perde essa identidade? Até que ponto as pessoas, as classes, as elites, os governos, os povos e as nações se parecem todos com um leopardo, que não podem modificar suas manchas, e até que ponto são capazes de sofrer transformações ou de se transformarem a si mesmos? Até que ponto as pessoas, as classes sociais e os grupos raciais aprendem a identificar-se com os papéis temporários de poder e privilégios que eventualmente tenham assumido em alguma época da História e até que nível podem ter-se viciado com aquelas aparências enganosas que, na maioria das vezes, acompanham o poder e os privilégios? Que acontece com as opiniões e os sentimentos das pessoas e como tendem elas a agir, quando veem na iminência de perder poder e privilégios?

Identidade, esse é um conceito que teve grande significado no processo de mudança governamental no Irã em 1979. Foram justamente um caráter nacionalista ou de identidade nacional que demonstraram os iranianos quando não mais aceitaram as imposições estrangeiras dos últimos cinquenta e quatro anos, findada em janeiro de 1979. Contudo, para o mundo, isso foi uma afronta aos ideais ocidentais de ordem e harmonia social.

A repressão política promovida pelo governo do xá, tendo como eminência parda os Estados Unidos, ocultou e silenciou o nacionalismo iraniano por décadas. O líder político que chegou mais perto de restaurar um caráter nacional iraniano foi Mossadegh, rapidamente sufocado pela inteligência estadunidense.

O regime do xá, autoproclamado descendente verdadeiro do “Trono do pavão” de 2500 anos, decidiu, em 1975, empreender um novo esforço para controlar a sociedade iraniana. O esforço visava, entre outras coisas, diminuir o papel do islamismo na vida do reino, ressaltando para isso as conquistas das civilizações pré-islâmicas do país, especialmente a civilização persa. Assim, em 1976, o calendário islâmico, lunar, foi banido do uso público e substituído por um calendário solar. Publicações islâmicas e marxistas também sofreram forte censura.¹⁷

O xá buscou por vezes constituir uma modelo de nação para o Irã. Em 1978 realizou a festa em comemoração aos 2500 anos do império persa. A chamada festa do pavão reuniu celebridades do mundo inteiro: políticos, astros de Hollywood, príncipes, reis e rainhas. A comida e a bebida foram encomendadas de Paris e o local da festa foi em um cenário propício para a ocasião: as ruínas de Persépolis. Foram três dias de comemorações ao custo de 300 milhões de dólares. A ideia do xá era rememorar o período de apogeu do grande império de Dário I e Ciro. Quando o Irã, então Pérsia, era temido pelos povos do Oriente Próximo.

13 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as doze questões fundamentais de Karl Deutsch, procurou-se analisar

17 COGIOLLA, Osvaldo. A revolução iraniana. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 63.

pontos em comum com o processo político nacional e internacional do Irã no contexto da mudança governamental daquele país ao findar a década de 1970. A importância dada pela imprensa para tal evento não foi por acaso. O Irã era um cenário significativo para o ocidente, principalmente para a Inglaterra e, sobretudo para os Estados Unidos. A troca de liderança do país foi traumática para esses últimos dois países citados, os quais passaram a ter a região como inimiga e um perigo em potencial a partir de então.

As doze questões são interdependentes. Quaisquer que sejam as respostas, totais ou parciais, poderemos chegar à conclusão de que cada uma delas apresentará diferenças em relação a respostas que tenhamos dado a algumas ou a todas as demais. Cada uma de nossas doze questões constitui um bom ponto de partida, mas, assim como muitos portões podem levar ao centro da mesma cidade, todas as nossas doze questões conduzir-nos-ão cada vez mais ao âmago das complexidades inerentes ao nosso único problema: como é que tantas nações diferentes, na medida em que surgem em cena ou saem de cena, podem conviver, num misto de independência e interdependência limitadas, em um mundo com o qual podem não estar de pleno acordo, mas que nenhum delas pode individualmente controlar e do qual todos dependem, para ter paz, para ter liberdade, para ter felicidade e para sobreviver? ¹⁸

Com o auxílio da imprensa, o mundo ficou a par dos eventos ocorridos em Teerã. Contudo, a maneira como tal sequência de eventos foi reportada, projetou uma representação do Irã e dos iranianos que está presente até hoje. A produção de sentidos não é inocente e muito menos imparcial. Obviamente que a recepção dos leitores não pode ser encarada como passiva e sem criticidade alguma.

Contudo, um país pouco lembrado ou raramente visto nos meios midiáticos, que, até então, figurava como o país do “*Aladim*” ou das “*Mil e um noites*”, de tapetes voadores e encantadores de serpentes, tornou-se um lugar comum para todo o tipo de estereótipos ou representações que iam de encontro ao ideal de mundo ocidental, ou seja, em rota de colisão com a leitura de mundo que deveria ser a correta.

18 DEUTSCH, KARL WOLFGANG. *Análise das relações internacionais*, Trad. De Maria Rosinda Ramos da Silva, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, 2ª Edição, p.21.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

